

Envelhecimento em uma instituição de longa permanência para idosos: experiências do Lar dos Velhinhos de Campinas

Vanessa Fernandez*

Introdução

A velhice é a última fase do ciclo da vida, consequência natural do processo de envelhecimento. Caracteriza-se por manifestações somáticas, como redução da capacidade funcional e aumento da lentidão psicomotora, por mudanças hormonais e imunológicas, por alterações na postura, na marcha e no equilíbrio, por mudanças cognitivas, pela redução da capacidade de trabalho e da resistência, associadas à perda de papéis sociais, pelo aumento do sentimento de solidão e por outras transformações bem conhecidas (Papaléo Netto, 2013).

No Brasil, a população idosa é composta por pessoas de 60 anos ou mais. Trata-se de um grupo heterogêneo, com indivíduos com graus variados de autonomia. Os idosos que demandam cuidados de longa duração são aqueles que experimentam algum tipo de dificuldade para realizar as atividades da vida diária (AVDs), como alimentar-se, tomar banho ou ir ao banheiro. Idosos com carência de renda e que não podem arcar com sua sobrevivência também são considerados demandantes de cuidados de longa duração (Camarano, 2010).

Ainda que o cuidado familiar seja visto como fundamental para o bem-estar de qualquer grupo populacional, entende-se que o Estado e a sociedade

* Graduada em História e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); doutoranda em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: vanessist@hotmail.com.

devem estar preparados para quando esse cuidado não puder ser oferecido, devido a razões variadas. Atualmente, vivenciamos mudanças demográficas e sociais que ampliam a necessidade de alternativas de cuidados não familiares à população idosa. O envelhecimento da população brasileira,¹ isto é, a redução no número de crianças e jovens e o aumento na proporção de idosos, traz consequências que devem ser consideradas. De um lado, trata-se não somente do aumento do número de idosos, mas também do aumento da expectativa de vida, o que resulta no aumento da demanda por cuidados a esse grupo populacional. De outro lado, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e o declínio da fecundidade resultam na redução da oferta de cuidados familiares (Camarano, 2010).

Historicamente, as ILPIs (instituições de longa permanência para idosos) são vistas com preconceito pela maior parte da sociedade, porque frequentemente são associadas a imagens negativas: pobreza, abandono, solidão e violência são algumas delas. Com frequência, elas são classificadas como instituições totais (Goffman, 2001), ou seja, como locais de residência e trabalho em que um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada.

A denominação popular “asilo” perdura, ressaltando a origem de tais instituições como um local de segregação e de caridade (Born; Boechat, 2013). “Lar dos velhinhos”, “jardim” ou “casa de repouso” são expressões encontradas para substituir a rotulação discriminatória presente na palavra “asilo”. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sugeriu a adoção da denominação “instituição de longa permanência para idosos (ILPI)” (Debert, 2012).

Apesar da visão negativa que prevalece sobre as ILPIs, deve-se assumir que elas constituem moradia, e oferecem cuidados, amparo e segurança para um grupo populacional. Pessoas idosas com comprometimentos físicos e/ou mentais, sem família ou em condições de maus-tratos familiares e com carência de renda necessitam dessas instituições para a sobrevivência. No entanto, a quantidade de instituições está abaixo da demanda, assim como há uma

1 Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2016, a população idosa no Brasil totalizou mais de 29 milhões de pessoas (PNAD 2016..., 2017).

baixa qualidade de atendimento em muitas delas, sendo evidente a ausência de apoios governamentais (Camarano, 2007).²

O desenvolvimento de pesquisas nacionais sobre este assunto pode ser verificado em diferentes áreas do saber, tais como gerontologia, psicologia, saúde pública, ciências sociais e história. São pesquisas com uma grande variedade de temas, objetivos e métodos, que têm em comum a relação com a velhice institucionalizada. Muitas delas são de caráter qualitativo, priorizando as visões, opiniões e experiências dos idosos institucionalizados. Assim, há estudos sobre a estrutura da instituição na relação entre corpo e envelhecimento (Umont, 2011), a memória de idosos institucionalizados sobre a cidade em que passaram a maior parte de suas vidas (Gigante, 2008), a memória de idosos institucionalizados sobre a instituição em que residem (Santos, 2007), os desejos de idosos institucionalizados em relação ao local em que vivem (Tavares, 2008), as representações sobre a velhice institucionalizada (Corrêa, 2011), os significados atribuídos pelos idosos institucionalizados a suas vivências (Alcântara, 2010; Michel, 2010), as trajetórias e os modos de vida de idosos institucionalizados (Gomes, 2009), entre outros.

Em suas conclusões, foram constatados aspectos negativos e positivos da velhice institucionalizada. Como aspectos negativos, pode-se listar: os idosos residentes levam uma vida reclusa e formalmente administrada, na qual seguem normas, horários e regras, apresentando baixo nível de interação com outros idosos residentes, ou até mesmo conflitos, e limitados contatos sociais com familiares ou pessoas de fora da instituição; os relacionamentos de casais, quando existentes, são permeados de preconceitos; há instituições inadequadas em suas condições físicas e atendimentos profissionais, entre outros. Já os aspectos positivos incluem: os idosos residentes recebem cuidados de saúde e encontram-se em locais seguros, onde desenvolvem estratégias de adaptação e criam novas relações sociais; os idosos residentes levam uma vida digna e satisfatória; algumas instituições esforçam-se para promover bem-estar, autonomia e relações sociais prazerosas.

2 Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) entre 2007 e 2009, foram identificadas 3.549 instituições de longa permanência para idosos no Brasil, sendo que 65,2% eram de natureza filantrópica e apenas 6,6% eram de natureza pública (Camarano; Kanso, 2010).

História oral e experiências do Lar dos Velhinhos de Campinas

O Lar dos Velhinhos de Campinas é uma ILPI sem fins lucrativos, não estatal e filantrópica. Sua história remonta ao final do século XIX, quando o jornalista Antônio Sarmento idealizou, no *Diário de Campinas*, a fundação de um “estabelecimento” que servisse de “abrigo aos pobres”. Em 25 de julho de 1904, foi fundado o Asylo de Mendigos por um grupo de pessoas de expressão na cidade, como Joaquim Vilac, João de Paula Castro, Luís José de Pereira Queiróz, Euclides Teixeira, Aristides Pompeu, Virgínio Jacobsen e o padre Manuel Ribas D’Ávila, reunidos pelo delegado Paulo Machado Florence.

No ano seguinte, foi realizada na Câmara Municipal de Campinas uma assembleia geral para a eleição da primeira diretoria definitiva: Orosimbo Maia e Alberto Sarmento foram eleitos presidente e vice-presidente, respectivamente. Para a construção do local, campanhas foram realizadas e uma chácara de propriedade do casal coronel Bento Bicudo foi comprada. Em 10 de dezembro de 1905 foi realizada a inauguração oficial, já com um novo nome: Asylo de Inválidos (IBGE, 1952; Bicudo, 2004).

Em 1972, a partir da percepção de que a maioria das pessoas aí atendidas era constituída de idosos, alterou-se o nome para Lar dos Velhinhos de Campinas. Nessa mesma década iniciaram-se reformas no local, tais como a demolição do antigo casarão, a construção de novos residenciais e a pavimentação e a iluminação de antigas ruas de terra que circundavam o terreno (Bicudo, 2004). Atualmente, o Lar dos Velhinhos de Campinas proporciona habitação, cuidados com a saúde e atividades que visam uma melhor qualidade de vida a cerca de cem idosos em condições de vulnerabilidade econômica, social e/ou biológica. Trata-se de pessoas com histórias diversificadas, trajetórias, vivências e experiências múltiplas, que têm em comum a convergência no Lar dos Velhinhos de Campinas.

A instituição, localizada na zona urbana, possui uma bela área verde de aproximadamente 72 mil metros quadrados. Sua estrutura conta com residenciais diferenciados de acordo com o sexo e as condições de saúde psicossocial e funcional – do ponto de vista médico – dos idosos residentes, sendo um para idosos independentes, um para idosas independentes e um para idosos e idosas com alguma dependência, além de refeitórios, lavanderia industrial, enfermaria, centro geriátrico e capela, entre outros ambientes.

Funcionários especializados, como administradores, psicólogos, nutricionistas, cuidadores, cozinheiros e outros dividem-se entre as tarefas necessárias. Há também voluntários. No total, são cerca de 160 funcionários e 80 voluntários. Os serviços oferecidos compreendem, além da habitação e alimentação, cuidados com a saúde física e mental, como terapia ocupacional, passeios, leituras e rodas de conversa. A frequência a essas atividades é opcional.

Entre 2012 e 2015, integrando o projeto de memória institucional do Lar dos Velinhos de Campinas, foram realizadas entrevistas de história oral de vida com alguns idosos residentes. Como o próprio nome indica, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa, que tem grande liberdade para dissertar sobre sua vivência pessoal (Meihy, 2005). Desse modo, não foi elaborado nenhum questionário para aplicar com os entrevistados, mas um roteiro com perguntas amplas que serviram de estímulos para a narração de trajetórias pessoais, das origens à atualidade.

Primeiramente, os idosos foram convidados a participar voluntariamente do trabalho, após a explicação de seus objetivos e métodos. Em seguida, as gravações das entrevistas foram realizadas individualmente, em dias, horários e locais da instituição escolhidos por eles, respeitando suas disponibilidades e preferências, em sessões que variaram de acordo com as demandas de cada narrativa. Por fim, foi realizada a produção de um registro escrito, para devolução, publicação e análise.

As histórias foram construídas em uma relação de colaboração entre entrevistadora e entrevistados, isto é, por meio de uma relação de compromisso entre ambas as partes, mediadas pela tecnologia de um gravador digital. Assim, couberam aos entrevistados as tarefas de rememoração e narração de suas memórias e, posteriormente, de conferência e validação de suas histórias. A mim, entrevistadora, couberam as tarefas de provocação e gravação de tais memórias e, posteriormente, de documentação das narrativas, em um rigoroso processo de transcrição, textualização e transcrição, para a realização da conferência e validação das histórias com os entrevistados.

Na transcrição, realizei a passagem de tudo o que foi gravado oralmente para um texto escrito. Na textualização, eliminei minhas perguntas e comentários, assim como as repetições e palavras sem peso semântico dos entrevistados, em favor de um texto mais claro. Na transcrição, fiz interferências no texto, integrando expressões que não foram verbalizadas e que considerei importantes para expressar a subjetividade e o sentido das narrativas, como

um choro ou um riso. Também reorganizei o texto em busca de facilitar o seu entendimento, optando por uma apresentação cronológica das histórias de vida. Com o texto produzido, procedi à conferência com os entrevistados, oferecendo-lhes a possibilidade de acrescentar, excluir e corrigir conteúdos, se achassem necessário, antes de concretizarem a validação das histórias, reconhecendo-se nelas, e autorizarem o seu uso (Meihy, 2005).

Singulares, o conjunto das entrevistas permitiu visualizar a diversidade dos sujeitos que compõem a instituição. Considerando para análise as quatro histórias de vida que foram publicadas em um livro (Fernandez, 2014), de dois homens e duas mulheres, pude observar as especificidades de cada indivíduo, com suas trajetórias, vivências e opiniões, assim como as características sócio-históricas dessa complexa realidade.

Indicados pela coordenadora do centro geriátrico da ILPI, os entrevistados eram idosos independentes para as atividades de vida diária,³ o que fez com que a velhice saudável fosse priorizada, deixando de lado a velhice frágil e dependente. Ainda assim, relatos de doenças foram registrados, evidenciando suas consequências para esse grupo social. Uma idosa que passou por uma cirurgia da vesícula sentiu-se grata pelos cuidados recebidos da instituição e dois idosos tiveram os rumos de suas vidas alterados, quando, somados a outros motivos, os problemas de saúde foram determinantes para o fim do trabalho, o início da aposentadoria e o ingresso no local:

Eu tive uma doença recentemente, estou até agora com os pontos que não cicatrizaram ainda, estava com 45 pedras na vesícula e tive que fazer uma cirurgia muito grande para retirá-las, porque elas estavam escapando pelo intestino, tive que fazer até redução de estômago. Foi uma cirurgia muito delicada e eu devo muito ao Lar o sucesso do meu tratamento, porque eles me levaram pra Unicamp e me trataram muito bem. Depois, eu estreei a enfermaria nova do Lar, logo eu, que tinha feito tanta campanha por ela! (Vilma Guariglia Ártico, 2012).

Vim morar no Lar dos Velhinhos de Campinas por sugestão de um amigo, o amigo Paulo Cavalieri. Eu morava em um quarto alugado no Terminal

3 Segundo a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), as atividades da vida diária (AVDs) são tarefas básicas de autocuidado, como alimentar-se, ir ao banheiro, escolher a roupa, arrumar-se e cuidar da higiene pessoal, manter-se continente, vestir-se, tomar banho, andar e transferir-se (por exemplo, da cama para a cadeira de rodas) (Atividades..., 2015).

Campo Grande, quando me queixei que estava me sentindo muito sozinho, e ele me disse: ‘João, por que você não vai pro Lar dos Velinhos de Campinas? Lá é muito bom, lá você vai conhecer pessoas, você está tão sozinho aí, lá tem café da manhã, almoço, janta...’ E eu pensei: ‘É verdade, os filhos a gente vê pouco, já não tenho mais mulher e, por causa da artrose no joelho, estou sem poder trabalhar’. Foi assim que eu resolvi procurar o Lar. (João Batista Signorelli, 2012).

Eu trabalhei até os 64 anos de idade, quando comecei a sentir uma dor muito grande no peito e descobri que eu tava sofrendo do coração. Eu levei um susto quando o médico me falou o resultado do exame, eu até achava que ia passar, porque ele tinha me dado uns comprimidos que tiravam a dor, mas não teve jeito e eu não consegui mais trabalhar. Nessa época, eu tava trabalhando na construção de uma área de lazer no bairro Nova Campinas, mas qualquer coisa que eu ia fazer no trabalho, me dava a dor, tive que parar. Eu fiquei preocupado, eu falei: ‘Meu deus, e agora? O que eu faço?’. Foi aí que veio o pensamento em mim de procurar o Lar dos Velinhos. (José Marques da Silva Filho, 2013).

Assim, entre os motivos apontados para a decisão de ingressar e se manter na instituição, destacaram-se questões relacionadas à saúde e/ou à oferta de serviços e cuidados, como habitação, alimentação e tratamentos especializados, somados às necessidades socioeconômicas do momento pessoal e à possibilidade de uma vida social mais ativa e menos solitária. Também é interessante notar a forma desse ingresso, uma decisão voluntária impulsionada pelos argumentos apontados e pela notoriedade da instituição na cidade, validada por um processo de seleção no qual os idosos foram considerados aptos.

Aí minha filha me trouxe, eu fiz a prova com um quadrado dentro de um outro quadrado, com um relógio marcando dez pras duas. Passei na prova e passei também pelo exame médico, exame de pulmão e de pressão. Depois de uns quinze dias me ligaram de novo e eu mudei pra cá. A minha amiga Maria ficou radiante quando soube que eu viria para cá, ela falou: ‘Nossa, é tão perto de casa, tão perto de tudo, lá é bonito, tem igreja, tem baile!’. [...] As atividades são muitas: tem bocha, tem caminhada, tem cinema duas vezes por semana, tem bingo ao menos uma vez no mês, tem aniversariantes

do mês, que é uma festa com bolo e música, tem a televisão, a gente gosta de assistir as novelas. Tem as viagens, que é uma vez por mês, este mês vamos para Socorro. E tem salão de cabeleireiro, essa semana nós fomos num salão fora, aqui dentro tem um, mas nós fomos fora, porque essas senhoras oferecem pra gente a cada dois meses, então eu fui lá e fiz a minha unha e fiz luzes no cabelo. E tem também massagem nos pés, que é uma delícia, voluntárias vêm aqui fazer massagem. Uma vez ao ano, tem um desfile de modas e tem o desfile de 7 de Setembro, tem carnaval, tem festa junina, eles enfeitam, tem gente que vem de fora tocar... quer dizer, tem muita coisa pra fazer! (Vilma Guariglia Ártico, 2012).

Para entrar aqui, tive que fazer um monte de pesquisas, a assistente social foi ver onde eu estava morando, perguntou o que eu fazia... Um dia eles me ligaram dizendo que a vaga tinha sido concedida a mim, era dezembro de 2010. [...] Morar no Lar dos Velhinhos de Campinas é compensativo. Aqui, 24 horas por dia, não te falta nada: não faltam cuidados, não falta alimentação, não falta remédio, não falta amizade... (João Batista Signorelli, 2012).

Esse processo de seleção existe porque o Lar dos Velhinhos de Campinas tem como foco os idosos com Grau de Dependência I, isto é, idosos independentes, mesmo que requeiram o uso de equipamentos de autoajuda.⁴ Além disso, sendo o Lar uma ILPI sem fins lucrativos, não estatal e filantrópica, tais idosos devem necessitar socialmente da vaga. Portanto, para ingressar aí, os solicitantes precisam encaixar-se no perfil da entidade. Obviamente, existem muitos casos de idosos com outros graus de dependência que são atendidos pela ILPI, porque passaram de uma situação a outra durante o processo pessoal de envelhecimento.

A necessidade social da vaga, por sua vez, é reforçada pela ausência ou insuficiência de relações familiares na atualidade. Dois idosos entrevistados não constituíram a própria família nas outras fases da vida, pois não se casaram e não tiveram filhos, tendo convivido com pais e irmãos, já falecidos e/ou vivenciando eles mesmos o processo fisiológico do envelhecimento. Os outros dois entrevistados constituíram a própria família em outras fases da

4 Os graus de dependência do idoso podem ser consultados na Resolução da Diretoria Colegiada da Agência Nacional da Vigilância Sanitária nº 283, de 26 de setembro de 2005 (Anvisa, 2005).

vida, mas elas já não existiam como antes, por motivos de viuvez e de separação, assim como por impossibilidades pessoais dos filhos e outras questões subjetivas das histórias de cada um:

Eu fui o único dos filhos que não casou, aí ficou morando só nós três: eu, minha mãe e meu pai. A gente tinha um violão e a gente tocava e cantava junto, os vizinhos até perguntavam se tava tendo festa ou alguma visita na nossa casa e a minha mãe respondia: 'Não, era o meu velho e o meu filho!'. A gente morou junto até que eles vieram a falecer, meu pai morreu com 65 anos de idade e minha mãe morreu dois anos depois, com 63 anos. (José Marques da Silva Filho, 2013).

Eu ficava o dia inteiro com a minha mãe em casa e as minhas irmãs ficavam o dia inteiro trabalhando fora, parece que as duas trabalhavam numa loja. Eu nunca trabalhei fora, mas trabalhei na roça e sempre ajudei a minha mãe em casa. [...] A minha mãe faleceu já faz mais de trinta anos, ela ficou muito doente, ela teve tuberculose e foi pro hospital umas duas vezes, ela ia, melhorava e voltava pra casa, aí teve uma vez que ela não melhorou. Ela faleceu com 69 anos. Depois disso, eu continuei morando durante muitos anos com as minhas irmãs, eu ficava um tempo na casa de cada uma, até que a minha irmã Laodelina arrumou aqui no Lar dos Velhinhos de Campinas pra mim. (Terezinha de Jesus Carvalho, 2013).

Eu fiquei casada durante 32 anos, até ficar viúva, e apesar de algumas coisas que aconteceram, eu não me arrependo. Aliás, tudo o que eu fiz na minha vida, eu nunca me arrependi. Acho que o que a gente faz, não adianta se arrepender, já tá feito mesmo. [...] O meu filho mora em São Luís do Maranhão e está com 55 anos, ele veio me visitar só uma vez aqui no Lar. Com ele, tenho dois netos e um bisneto. A minha filha mora aqui em Campinas, ela está com 56 anos, ela vem me visitar quando pode, não é sempre que dá, porque ela é professora e trabalha de segunda a segunda: durante a semana em escolas e aos finais de semana em aulas particulares. Com ela, tenho dois netos. (Vilma Guariglia Ártico, 2012).

Em 2005, sem nenhum motivo aparente, eu fui embora, eu peguei as minhas coisas e fui para o Rio de Janeiro, fiquei quatro meses lá... Dizem que a gente não sabe às vezes por que erra... Mas, depois que a gente erra,

tem coisas que não têm volta... [...] Ela era uma excelente esposa, uma mãe maravilhosa, uma dona de casa exemplar, uma amiga, uma amante... não tem explicação. Os meus filhos, no início, não aceitaram a minha atitude, eles não entendiam por que eu tinha feito aquilo, inclusive a minha filha mais velha só voltou a conversar comigo recentemente, depois que eu fiquei hospitalizado. (João Batista Signorelli, 2012).

Evidentemente, o fato de ter constituído uma família e ter filhos não é garantia de apoio, cuidados adequados, respeito e/ou acolhimento na velhice. Além disso, mesmo pessoas que em suas trajetórias desfrutaram de independência econômica e conquistas materiais podem sofrer uma decadência financeira e necessitar de auxílios devido à insuficiência de renda. Nesse ponto, as histórias também evidenciaram as diversidades relacionadas à origem social dos entrevistados. Provenientes de diferentes lugares, um idoso nasceu em Campinas (SP), uma idosa nasceu em São Paulo (SP), um idoso nasceu em Divinolândia (MG) e uma idosa nasceu em Tocos do Moji (MG). Portanto, apenas um deles não vivenciou diretamente a migração. Dois deles, nascidos em pequenas cidades de Minas Gerais, tiveram já na infância o contato com o trabalho rural familiar, além de terem tido pouca ou nenhuma oportunidade de estudos. Apresentaram, assim, um relato de vida mais simples e mais humilde. É interessante notar ainda que, em um desses casos, a velhice na instituição representou uma pequena melhoria social, pois uma idosa que nunca havia tido uma renda estável nas outras fases da vida passou a contar com uma aposentadoria mensal, além de outras oportunidades:

A minha mãe criou sete filhos, eu sou o caçula. E toda a vida nós fomos pobres, uma família muito humilde e que passou bastante dificuldade, mas eu nunca passei frio e eu nunca passei fome, porque se você tem um cobertor e um prato de comida, você não passa frio e você não passa fome... Eu estudei até a 4ª série. [...] Eu comecei a trabalhar novo, a gente morava na roça, então a gente já tinha uma enxadinha pra trabalhar, pra carpir feijão ou pra essas carpidinhas mais maneirinhas. Lembro que ia a mãe, eu e minha irmã pra onde era mais fácil e os mais grandes iam pro outro lado, pro trabalho mais pesado. Depois que eu saí da escola, com 12 anos, mais ou menos, aí eu já comecei a trabalhar como servente de pedreiro e dali eu fui enfrentando tudo. (José Marques da Silva Filho, 2013).

Depois, a gente se mudou pro Paraná e lá, quando eu peguei uma certa idade, com 11 anos, mais ou menos, a primeira vez que a minha mãe foi trabalhar na lavoura de café, ela me levou junto, pra ajudar ela a apanhar o café, daí eu comecei a trabalhar desse dia em diante e nunca mais tive tempo pra brincar. Eu tinha 11 anos, mas também já era grandinha, não era tão pequenininha assim... A partir daí comecei a ajudar na roça, carpia café, apanhava café, apanhava algodão, carpia arroz, tudo isso aí eu comecei a fazer quando peguei uma certa idade. [...] E eu tô na escola também, faz um ano que eu comecei a estudar. Tem uma escola que fica aqui dentro do Lar, vai morador daqui e vai gente de fora também, deve ter no máximo dez alunos, tem homem e tem mulher junto, tem uma senhora que tem 88 anos e tá na escola ainda! [...] Na escola, eu tô aprendendo a ler e a escrever. Ler, eu quase não leio, e escrever, eu não sei ainda escrever sem copiar, é que eu tô na escola não faz muito tempo... Eu não estudei quando era criança, na verdade eu entrei na escola já passada da idade. [...] Hoje em dia eu gosto de comer coisa boa, eu sou acostumada a comprar as minhas coisinhas pra comer no café da manhã, eu gosto muito, assim, de salame, queijo, manteiga, maionese, patê... Hoje eu sou aposentada e eu tenho o meu dinheirinho, que eu recebo todos os meses, eu fico com uma parte e a outra parte eu dou aqui no Lar dos Velhinhos. Antes não, antes eu não tinha ordenado que nem eu tenho agora, eu não me lembro de ter um dinheiro e ir comprar as coisas pra mim, que nem eu faço agora... (Terezinha de Jesus Carvalho, 2013).

Na temática de gênero, um idoso mencionou os papéis sociais do marido e da esposa que eram valorizados no passado e que fizeram parte de sua trajetória. Semelhantemente, uma idosa comparou os modos de viver das mulheres no passado e no presente, ampliando a temática ao relatar situações de autoritarismo e até de violência doméstica promovidas pelo marido:

Eu fui uma pessoa muito privilegiada em assuntos domésticos. A minha esposa sempre foi muito dedicada aos filhos e à casa, sempre conduziu o lar da gente com primazia e com amor. E eu sempre trabalhei, nunca deixei faltar nada para a família, do mesmo jeito que meu pai cuidava da gente, eu cuidei dos filhos e da esposa... (João Batista Signorelli, 2012).

Foi durante a lua de mel que ele começou a mostrar o lado violento dele, porque ele era muito ciumento, muito, principalmente quando bebia. Lá

no hotel, eu não podia olhar para o lado que ele já achava que eu estava olhando pra alguém. Depois do jantar, quando fomos pro quarto, ele me deu uma surra, disse que eu estava paquerando o garçom. [...] Recém-casados, eu passava o dia inteiro dentro de casa, lendo e fazendo palavras cruzadas, esperando o Euclides pra almoçar, pois eu já não trabalhava mais no banco, ele falou para eu ser só dona de casa. [...] O Euclides era muito trabalhador, mas ele chegava tarde em casa, ou às vezes nem chegava. E eu não podia falar nada, que ele falava que eu que era a culpada. Ele não me contava muito da vida dele nessa época, às vezes eu vinha saber qualquer coisa dele por terceiros, porque ele não era muito de conversar comigo. Hoje em dia, como as mulheres trabalham fora e são independentes, elas peitam o marido e se esse não serve, elas largam. Mas a gente naquela época não, eu menos ainda, porque já tinha sido criada sem o pai, só com a mãe... (Vilma Guariglia Ártico, 2012).

Por fim, ainda que nesta análise prevaleça o entendimento de que as ILPIs são necessárias e importantes para um grupo populacional, considerando o Lar dos Velhinhos de Campinas uma instituição de referência pelo trabalho histórico e social realizado, há que se destacar também as críticas existentes. Relacionadas às práticas institucionais, tais críticas foram feitas pelos próprios entrevistados, como ter que manter contatos com pessoas desconhecidas e que têm outros pensamentos, hábitos e costumes; ter que vivenciar conflitos entre os idosos residentes e/ou ter que seguir normas e regulamentos:

A convivência com os colegas aqui é boa, só que é o seguinte: a gente tem que pedir a deus pra deus dar inteligência e paciência pra gente, porque a convivência com muitas pessoas não é fácil, cada pessoa é de um jeito. (José Marques da Silva Filho, 2013).

Eu sou assim mesmo, quando tem algum problema, alguma coisa, eu já vou direto na Isis, a coordenadora do Centro Geriátrico, porque não adianta você passar o seu problema pra colega do lado, podem opinar qualquer bobagem, mas não vão resolver nada. Quer dizer que aqui ninguém se mete comigo, porque sabem que se buzinar bobagem na minha orelha, eu vou lá. (Vilma Guariglia Ártico, 2012).

Por outro lado, se eu tiver que falar alguma coisa, eu vou lá e falo, o pessoal aqui sabe, jamais na vida eu vou dar o tapa e esconder a mão! (João Batista Signorelli, 2012).

Os guarda-roupas aqui é tudo grudado um no outro, antes ficava tudo separado, era melhor, agora tá tudo grudado no quarto, tem quatro pessoas no quarto e quatro guarda-roupas grudados. Se uma pessoa abre o guarda-roupa dela, a outra tem que esperar pra abrir o seu, porque se abrir junto atrapalha, então é ruim. (Terezinha de Jesus Carvalho, 2013).

Apontamentos finais

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos: voz, música, imagem, textos e outros. Em contrapartida à memória coletiva oficial, que geralmente expressa um passado consolidado em museus, em monumentos, em arquivos e em hinos oficiais, entre outros lugares de memória de uma dada sociedade, existem as memórias subterrâneas, que correspondem a versões sobre o passado de grupos dominados, excluídos ou marginalizados. Geralmente, tais memórias não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos, mas se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando pesquisadores que se utilizam de métodos como a história oral criam condições para que elas emergam e possam então ser registradas e analisadas (Simson, 2003).

Atualmente, a participação de idosos na construção de conhecimentos pode ser verificada em diferentes áreas do saber, tais como a história, as ciências sociais e a gerontologia, com uma grande variedade de temas, de métodos e de objetivos. Idosos são convidados a participar de pesquisas, compartilhando suas memórias, experiências e opiniões sobre épocas, trajetórias ou outros assuntos, as quais são materializadas em registros orais, audiovisuais, visuais e/ou escritos. Tais registros tornam-se fontes de análise e de reflexão em estudos da contemporaneidade, com destaque para estudos de cidades, comunidades, tradições, personagens e experiências, que têm em comum a valorização do papel social dos idosos como transmissores de informações e detentores de conhecimentos acumulados em suas vivências.

Neste artigo, apresentei um trabalho de história oral de vida desenvolvido no Lar dos Velhinhos de Campinas, analisando o tema da velhice institucionalizada, com destaque para as experiências daqueles que a vivenciam. Outras temáticas também puderam ser exploradas, como gênero e origem social. Um grande aprendizado que fica é que não é possível determinar como viveremos em nossa última fase da vida e que, em muitos casos, o pertencimento a uma ILPI pode representar uma alternativa de amparo, proteção e cuidados.

Este trabalho pode servir ainda para reforçar argumentos em favor de políticas públicas necessárias à comunidade que o gerou. Assim, mais do que homenagear, é pela possibilidade de marcar lugar e propor mudanças que se faz história oral (Meihy; Ribeiro, 2011). Nessa perspectiva, ampliando conhecimentos e sensibilidades sobre a instituição e seus sujeitos, foi publicado um livro que teve seus custos editoriais patrocinados por uma empresa e cuja renda, obtida com a venda, foi integralmente revertida à instituição (Fernandez, 2014).⁵ O livro reuniu quatro histórias diversificadas que tinham em comum a convergência no Lar dos Velhinhos de Campinas. Todos os narradores das histórias tiveram as suas identidades reveladas, mas antes foram informados e consultados sobre essa possibilidade, sendo-lhes ressaltado que o material documental resultante seria conferido com eles antes da autorização para uso. Seguindo tais procedimentos éticos, e para evidenciar as histórias ainda mais no livro, pensou-se na fotografia como um recurso complementar, uma criação sensível para ilustrar algum aspecto essencial da narrativa. Tendo em mãos as histórias registradas, um olhar delicado construiu uma representação estética dessa realidade. Nessa relação, história oral e fotografia dialogaram na busca de um resultado que apresentou a subjetividade como matéria essencial da memória.⁶

5 A empresa farmacêutica EMS patrocinou a publicação e os livros foram vendidos a R\$20,00 cada, possibilitando uma importante devolução financeira à instituição, que é filantrópica e depende de doações.

6 Manu Pivatti e Mônica Bonomi realizaram voluntariamente o trabalho especializado das fotografias.



Figura 1 – Vilma Ártico, 79 anos, 2012 (fotografia de Manu Pivatti)



Figura 2 – João Batista, 70 anos, 2012 (fotografia de Mônica Bonomi)



Figura 3 – José Marques, 74 anos, 2013 (fotografia de Manu Pivatti)



Figura 4 – Terezinha de Jesus, 74 anos, 2013 (fotografia de Mônica Bonomi)

Referências

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. 2. ed. Campinas: Átomo & Alínea, 2010.

ANVISA – AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. *Resolução de Diretoria Colegiada – RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005*. 2005. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_283_2005_COMP.pdf/a38f2055-c23a-4eca-94ed-76fa43acb1df>. Acesso em: 11 jun. 2018.

ATIVIDADES da vida diária – o que são? *Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – São Paulo*, São Paulo, 11 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.sbgg-sp.com.br/pub/atividades-da-vida-diaria-o-que-sao/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

BICUDO, Catarina. Lar dos Velhinhos completa 100 anos. *Saraó: Memória e Vida Cultural de Campinas*, Campinas, v. 3, n. 3, dez. 2004.

BORN, Tomiko; BOECHAT, Norberto Seródio. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Ed.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

CAMARANO, Ana Amélia. Como as famílias brasileiras estão lidando com idosos que demandam cuidados e quais as perspectivas futuras? A visão mostrada pelas PNADS. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

_____. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Edições Sesc SP; Sesc Nacional; Fundação Perseu Abramo, 2007.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235, jan./jun. 2010.

CORRÊA, Jimilly Caputo. *O envelhecimento pela ótica de residentes em instituições de longa permanência para idosos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFJF, Juiz de Fora, MG, 2011.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 2012.

FERNANDEZ, Vanessa Paola Rojas. *Entre memórias, emoções e afetos: histórias de vida de moradores do Lar dos Velhinhos de Campinas*. Salvador: Pontocom, 2014.

GIGANTE, Marcos Antônio. *História oral de idosos asilados em São Carlos-SP: velhice, asilo e memória da cidade (1950-2008)*. Tese (Doutorado em História) – Unesp, Franca, SP, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GOMES, Alessandra Alves. *O morar dos idosos nas instituições de longa permanência: o caso dos casais residentes na instituição Nosso Lar em Santo André/SP*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Monografia histórica do município de Campinas. Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do IBGE, 1952.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, comunidades, universidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

MICHEL, Tatiane. *A vivência em uma instituição de longa permanência: significados atribuídos pelos idosos*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – UFPR, Curitiba, PR, 2010.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia (Ed.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

PNAD 2016: população idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 24 nov. 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-0-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes.html>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

SANTOS, Kátia Ricci dos. *Imagens e narrativas de uma instituição asilar e da velhice, construídas por três segmentos distintos: idosos moradores, gestores e voluntários*. Dissertação (Mestrado em Educação/Gerontologia) – Unicamp, Campinas, SP, 2007.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, São Paulo, n. 6, p. 14-18, 2003.

TAVARES, Vera Lúcia. *A busca da excelência no atendimento em uma ILPI sob a perspectiva do sujeito residente*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2008.

UMONT, Tatiane Barcellos. *Vivendo no asilo: uma etnografia sobre corporalidade e velhice*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFPR, Curitiba, PR, 2011.

Fontes orais

ÁRTICO, Vilma Guariglia [79 anos]. [jan./jun. 2012]. Entrevistadora: Vanessa Fernandez. Campinas, SP, 31 jan. 2012, 8 fev. 2012, 16 fev. 2012, 29 mar. 2012, 5 abr. 2012, 3 maio 2012, 31 maio 2012, 14 jun. 2012, 26 jun. 2012.

CARVALHO, Terezinha de Jesus [74 anos]. [ago./set. 2013]. Entrevistadora: Vanessa Fernandez. Campinas, SP, 29 ago. 2013, 5 set. 2013.

SIGNORELLI, João Batista [70 anos]. [ago./set. 2012]. Entrevistadora: Vanessa Fernandez. Campinas, SP, 2 ago. 2012, 9 ago. 2012, 21 ago. 2012, 1º set. 2012.

SILVA FILHO, José Marques da [74 anos]. [ago./set. 2013]. Entrevistadora: Vanessa Fernandez. Campinas, SP, 31 ago. 2013, 5 set. 2013.

Resumo: Atualmente, vivenciamos mudanças demográficas e sociais que ampliam a necessidade de alternativas de cuidados não familiares à população idosa. Precisamos reconhecer a necessidade crescente das instituições de longa permanência para idosos (ILPIs), que constituem moradia, cuidados, amparo e segurança para esse grupo. Não se trata de apoiar e incentivar a institucionalização generalizada: é indiscutível a importância de programas integrados de atendimento aos idosos em suas próprias comunidades e domicílios; é fundamental o cuidado familiar para o bem-estar de qualquer grupo populacional. Contudo, entende-se que o Estado e a sociedade devem estar preparados para quando esses programas e esse cuidado não puderem, por razões variadas, ser oferecidos. Assim, o objetivo deste artigo é ampliar o debate sobre o tema da velhice institucionalizada, apresentando experiências de uma instituição específica, considerada referência entre outras ILPIs, tendo como base entrevistas de história oral realizadas no local.

Palavras-chave: Envelhecimento. Instituição de longa permanência para idosos. História oral.

**Aging in a long-term care facility for the elderly:
experiences at Lar dos Velhinhos de Campinas**

Abstract: Currently, we are experiencing demographic and social changes that increase the need for non-family alternatives to care for the elderly population. We need to recognize the growing need for long-term care facilities for the elderly, which include housing, care, support, security and safety for that group. It is not about supporting and encouraging widespread institutionalization: the importance of integrated programs for caring for the elderly in their own communities and homes is indisputable; family care for the well-being of any population group is fundamental. However, the State and society should be prepared for times when these programs and this care cannot be offered for varied reasons. Thus, the purpose of this article is to broaden the debate on the subject of institutionalized aging, presenting experiences from a specific institution considered a reference among other long-term institutions for the elderly, based on oral history interviews carried out on site.

Keywords: Aging. Long-term institution for the elderly. Oral history.

Recebido em 22/02/2018

Aprovado em 28/05/2018